



*M*EMÓRIAS DE UM DIA DE (UM) CÃO
UM CONTO

∫

Jorge Augusto

WWW.JORGEAUGUSTO.EU

CANITO

Olá.

Eu sou um cão.

O meu nome é Xico. Sem diminutivos: nem “Xi”, nem “Co”.

Não sou um cão de raça, mas pode dizer-se que sou um cão com raça.

Vivo com o meu dono, o Vascoal. É mesmo assim que ele se chama (coitado) o meu dono: Vascoal, nem Vasco, nem Pascoal.

E porque é que ele se chama assim? Não sei, nunca e disseram. Aliás, os humanos poucas conversas inteligíveis têm para comigo. Resumem-se a frases imperativas como “deita”, “vai”, “vem cá”, “lindo menino” (provavelmente a maior das verdades que eles dizem, quando dizem alguma coisa “comestível”) e pouco mais (se estas expressões são familiares ao caro leitor, não é por acaso: é porque sabe que é mesmo assim).

Como eu dizia, eu não “sei” porque é que o meu dono se chama Vascoal, mas desconfio; porque ouço muitas conversas que ele tem com as outras pessoas. Desconfio que ele assim se chama porque a mãe dele gostava que ele se chamasse Vasco e o pai gostava que ele se chamasse Pascoal. A criança não podia estar à espera de nome para ser chamada e quando a discussão no registo civil, para que os adultos se decidissem “a bem”, não atava nem desatava – os humanos não gostam nada que não chamem os bois pelos nomes e o senhor funcionário resolveu dividir o mal pela raiz do bem e da sensatez, e fez com um tal Rei Salomão (que queria cortar uma criança ao meio). E eu pergunto-me Como é que um cão pode saber estas coisas? Bem, isso é outra história, para outro conto, num outro livro – chama-se a isto, aguçar a curiosidade do leitor – puro Marketing, adaptado aos caninos. Quando os pais repararam no engano, pensando que ambos tinham levado a sua avante, e viram que as letras no nome não elas as letras pelas quais teriam “lutado”, era tarde de mais e os registos centrais não podiam alterar.

Adiante, que se faz tarde e tenho muito pouco tempo, pelas contas que os humanos decidiram fazer por nós, apesar de eu ter nascido há 5 anos do calendário ocidental, tenho já 17 anos, no “nosso” calendário.

Vascoal ficou, como se o homem tivesse nascido numa terra (ou noutro mundo) onde trocam os “pês” pelos “vês”, como noutros sítios deste país... ouvi dizer.

Como dizia, sou um cão e como qualquer outro animal, tenho os meus caprichos. Sou pachorrento mas atento, paciente mas decidido, de cor preta mas com alma cândida, sensível mas não “flôr”, fiel (como não podia deixar de ser; não posso contrariar o mau próprio ADN) mas não destemido. Sei que há cães a quem gostam de chamar “espertos” pelas proezas que fazem. E eu digo:

«- Ó Lassie, se és assim tão boa, porque é que não foste para o circo? Ah, tu és mais salvar pessoas, está bem. Tu lá sabes, mas estás a perder-te. A saltar arcos em chamas (ou até apagados) é que tu estavas bem: tinhas uma vida mais calminha... que Hollywood dá cabo até das vidas dos cães com as melhores das intenções.»



Tenho os olhos pretos como caganitas de ovelhas (uma vez mais, perdoe o leitor, mas estas são as minhas referências. Não cresci no meio de olivais e por isso não sei como são aquelas coisas a que chamam azeitonas).

Nasci, dizem, numa aldeia, num norte – lá está, a vegetação é outra. Mas um cão vegeta em qualquer lugar... de repente perdi o norte ao meu mundo e vim parar à cidade. A mim, esta cidade onde dizem que moro, parece-me uma aldeia, porque é pequeno o espaço onde me deixam (a) viver.

Eu sei que o Vascoal não faz por mal (hi, hi, hi... perdoem-me uma vez mais: é que o nome dele faz-me rir. Principalmente quando digo o nome deles em voz alta – como fiz agora, aqui. Também o faço sem mal! Chego a acreditar que, no fundo, o senhor funcionário tinha uma veia de cómico e queria desanuviar o aborrecimento do seu dia, como tantos outros dias (e não é cão!) e “vingou-se” nele.

O Vascoal (hi, hi... pronto, não rio mais)... deixa-me preso nesta varanda todos os dias quando sai para o trabalho. Não é que me importe muito. Neste tempo todo de sossego, tenho tempo para contemplar a minha vida... e a dos outros.

Quem disse que a vida de um cão é pera doce, é porque nunca lhe descascou a pele. A minha vida não é fácil, mas não posso desejar outra. Acho que a de alguns humanos é muito mais cão que a minha!

CHEIRA-ME A MEMÓRIAS

Acabo de acordar. Não sei que horas são. Não sei o que são horas – sei apenas que as horas são muito tempo umas vezes e outras não são tempo nenhum... são minutos que passam mais devagar ou mais depressa, consoante der mais jeito a quem os conta. Parece-me que é cedo, pelo olhar do Vas... do meu dono (vou chamar-lhe Vás, para evitar risinhos ou risadas que distraem o assunto principal). É cedo para ele, não para mim, que acordei há muito e nem sei se é dia se é noite. Luz não há certamente, porque ele gosta assim. Para dormir até mais tarde. Para quê, não sei. Sei apenas que a minha bexiga dá horas e minutos há demasiado tempo, mas eu contenho.

Vamos à rua. Estremunhado, cambaleia, não sei quem passeia quem. Mas ele está bem ensinado. De pequenino, tracei-lhe o destino. A necessidade comanda a (nossa) vida.



Chegados a casa, abertos os apetites, cada um no seu canto comunga da hora do pequeno almoço. A mim, todas as refeições sabem ao mesmo. E depois admiram-se que eu gabe (com olhos famintos) os apetitosos pratos (pelo menos parecem!) que o Vás vai improvisando, com algum sucesso, devo acrescentar. Embora raramente me dê a provar, todos os seus cheiros me trazem à memória muitos momentos. Esses sim, marcam o tempo da minha vida. Por eles me guio e consigo dizer quanto “tempo” passou e pelos pratos e cheiros vão passando os meus dias.

Ele devia sentir-se lisongeadado com os meus olhinhos famintos das iguarias que inventa. Acho mesmo que gozo mais o ritual que ele utiliza na cozinha, os movimentos quase sincronizados entre paenlas e ingredientes, quase dança cujos passos vou antecipando. Sigo-o, como sempre, atento.

Pergunto-me se as fêmeas que ele traz para a sua vida sentem esta atracção misteriosa pelos sentidos que os seus devaneios culinários provocam.

OLHOS DE VER

Saiu para o trabalho, começam os meus trabalhos de observação.

Hoje está escuro o céu mas não parece que vá chover. A varanda está protegida e com ela também eu. Aqui não sinto frio nem calor. Muitas vezes nem a mim me sinto. Os momentos anestesiaram-me os sentidos com pensamentos que nem sempre lembro.

Empoleiro-me no parapeito da varanda a tentar ver a rua.

Solto um gemido e um latido rápidos como que só a dizer: até já, não demores! Mas é moroso.

Até lá, observo a rua, qua a esta hora parece crua. Já não é de noite mas os dias estão cada vez mais pequenos. Não durmo, não tenho sono.

Do 2º andar vejo as telhas do prédio em frente e que tem o mesmo número de andares, mas está a um nível mais baixo. Ao lado, o prédio é mais alto e não se vêem senão janelas, algumas fechadas, outras fachadas de vidas que não se mostram facilmente. Serão mais tímidas do que eu?

Um gato ao longe tenta-me a paciência, mas não me enervo com pouco e consigo ignorar.

As primeiras vizinhas saem para as primeiras voltas do dia: pão fresquinho e leite, para elas e para os netos de quem tomam conta. Cruzam-se com outras vizinhas que saem, também, mas mais aperladas para os seus trabalhos.

Os prédios estão agora mais mortos, com tantos inquilinos que perderam até agora. Uma janela fechada chama-me à atenção por ter as cortinas abertas e consigo ver que é uma sala. Tem as luzes acesas. Passados alguns momentos há um vulto que se movimenta lentamente de um lado para o outro. Teimo em aguardar que algo aconteça. Nada: não apaga as luzes, não sai para o trabalho nem vai comprar pãozinho fresquinho.

Caem-me dois pingos bem no meio do nariz e estava quase a pensar que falhara na minha previsão meteorológica, quando me apercebo, ao olhar para cima, que são os lençóis do quarto que pingam.

Chateio-me. Ladro. Népia. Durante poucos segundos fixo o olhar no quarto andar, mas não adianta: o civismo não é para todos os animais.

Aborrecido, deito-me dentro do meu quarto, numa cama improvisada, como parece ser a minha vida.



*«Com os meus olhos “caganitos” vejo o mundo todo, desde o sítio onde nasci,
até aqui onde adormeço todos os dias.*

Vejo-o com olhos de ver, com desinteresse aparente.»

A DANÇA DOS SENTIDOS

Se sonhei, não me lembro. Nunca me lembro. Acho que os cães não sonham quando dormem (presumo, pois nunca tive uma conversa sobre esse assunto com outro companheiro). Acordado, passo a vida a sonhar em ter outra vida... mas qual?

Acordo com a campainha e ladro, como seria de esperar – é da praxe! Será para aqui? Será engano? O som de campainhas sucede-se, cada vez mais longe e chego a duvidar dos meus ouvidos quando me lembro que podia ser o carteiro. Seria, concerteza, só pode. A esta hora (seja ela qual for) só há um músico de rua, nesta rua, que me pudesse acordar dos sonhos que não tenho.

Espreito por cima do parapeito – no meu caso, parapatas – mas não o vejo já. Já, já, não! Talvez amanhã.

- Curioso! – noto.

-Ainda está em casa! – penso. – Não foi mesmo trabalhar. Deve estar desempregado... – presumo, do vizinho da frente que, embora esteja já o sol bem alto, tem a luz da sala ainda acesa. De repente, música. Não surpreso, tento adivinhar: é música da pesada – já é hábito. Surpreendido

me vejo quando um som calmo, tranquilo, paz de espírito, talvez romântico. Este sentimento, também esse, desconheço. Uma vez ouvi quando fui à rua e me cruzei com uma pincher (comichosa) terei sentido qualquer coisa: quando dei por mim encavalitado em cima dela, puxaram-me logo para trás (e a ela também).seria isto a que se chama pecar? Não sei, mas deve ser proibido fazê-lo. Só sei que naquele momento só faltava uma músiquinha a acompanhar. E essa música podia muito bem ser esta que ouço agora vinda da janela em frente, entretanto aberta, como que a partilhar o seu momento de paixão.

Curioso (não tenho, mesmo, mais nada para fazer), continuo à espreita e dois vultos dançam agarrados, não lhes consigo distinguir as feições. Um deles parece-me o homem que lá vive (cujo nome desconheço), reconheço-o. O outro não: parece que tem o cabelo mais comprido que também dança para um lado e para nenhum. Que seca!

Não chove. Nem molha. Nem as pingas do lençol da vizinha que, por esta altura, já deve estar seco. Mas quem é que só lava um lençol?

Perdido, como sempre e novamente, em pensamentos deste género, ou seja, sem género nem nada, deito-me no chão, fresquinho, que sabe bem, pois o sol, lá de tão alto, aqueceu mais o clima. Viro os olhos para um dos lados e vejo uma folhas de jornal, espalhadas pelo chão. A preguiça impede-me de

virar a cabeça ou qualquer outro músculo, senão somente os olhos. Estou indeciso entre dar umavista de olhos e actualizar a leitura do quotidiano mundial, ou roer as folhas: tenho a impressão que as notícias são cor de rosa. Saberão a morango? Consigo resistir à tentação, não as mordo e adormeço.

PUM PUM

Só acordo com um som estridente, seco. Alguma festa? Estarão a deitar foguetes? Não é a altura deles! Ainda nem sequer começaram os ensaios para as marchas populares na sociedade recreativa... uma porta fecha-se na rua, ouço. Ainda entorpecido pelo sono, tenho apenas uma certeza: não foi um sonho (porque eu não sonho...). Com o nariz no ar apanho alguns cheiros que não são habituais. Um é forte e amargo, parece... pólvora! O outro é doce mas não cheira a fruta... nem a outra sobremesa caseira, ou de pacote. Um perfume... indago. O cheiro fica no ar durante algum tempo. Levanto-me, então, decidido, que devo tentar saber o que se passa.

Empoleirado, cheiro, procuro, tento descobrir, mas nada.

A rua mostra uma calma habitual e, tirando a janela do apartamento em frente aberta, com a luz ainda acesa, já não há sinais de vultos.

- Nem de vida! Estranho.

Um reboliço crescendo começaminutos depois.

- Que se passa? – perguntam umas pessoas na rua.

- Não sei! – Não tenho a certeza... – respondem outras.

- Parecia um tiro!

- De onde veio?

- Parecia vir dali. Apontam para a janela aberta.

As perguntas repito-as também na minha cabeça. As respostas procuro-as no apartamento da janela da frente. para onde é que ele foi? E a outra pessoa, onde está ela?

Sirenes, luzes que quase não se notam com tanta claridade de um sol ainda a pique, alimentam o carnaval que vai crescendo com cada vez mais perguntas, saídas de tantas outras bocas, e as primeiras tentativas de resposta.

E os factos?

Não vale a pena procurá-los nas folhas do jornal que estão, ainda que em sítios diferentes (as notícias movem-se para todos e por todos os lados!) por causa das brisas que, de quando em vez, se levantam. Estas notícias não são de hoje. De quando, de que dia, de que mês ou ano – não sei!

- Ai Jesus!

O grito assusta-me e eriço o pelo. Pelo sim, pelo sim, todos os pelosse me eriçam.todo eu eriço! Como um eriço cacheiro!

Está morto! – gritam.

- Quem? O eriço? – pergunto, distraído, como sempre, com estas ideias que obstáculam o raciocínio...

- Quem o matou? Estava sozinho? – perguntam da rua.

- Não estava! – grito eu. Mas este meu grito é capaz de ter saído pela forma de latido e ninguém se apercebe.

Será que ninguém reparou que, momentos antes, alguém estivera como (ainda) vivo?

Há agora vários vultos onde antes houvera apenas dois e depois nenhum. INEM, polícias, investigadores, médicos legistas, judiciária... dançam agora na sala d apartamento com a janela aberta, a luz acesa e a música calada.

Isto foi distração para quase toda a tarde. Tanta que me ia esquecendo de almoçar... ou lanchar, já nem sei. Comer qualquer coizinha, um snack. Depois, passar novamente pelas brasas, que tanta agitação cansou-me o corpo e distraiu-me os pensamentos.

UM TIPO NORMAL

O Vás é rapaz novo... acho eu. Pelo menos parece, ou que parecer. Trabalha os músculos num ginário perto do trabalho (ao Vás) são eles mesmos os músculos). Tem uma figura robusta, nem alta nem magra, nem baixo em açúcar, nem elevado em colesterol. O seu trajecto de casa para o trabalho nada tem de interessante. Tal como o trajecto da cidade do norte litoral onde nasceu, à cidade no mesmo litoral mas mais a sul, onde vive. Trouxeram-no os seus pais, cuja vida também podia ter tido mais tropelias. Não teve. Viveram felizes na terra onde se conheceram e casaram, e morreram pacatamente, ainda casados, talvez com a mesma felicidade.

O filho herdou a pacatez e a tendência para ser feliz, embora os olhos possam transparecer tristeza.

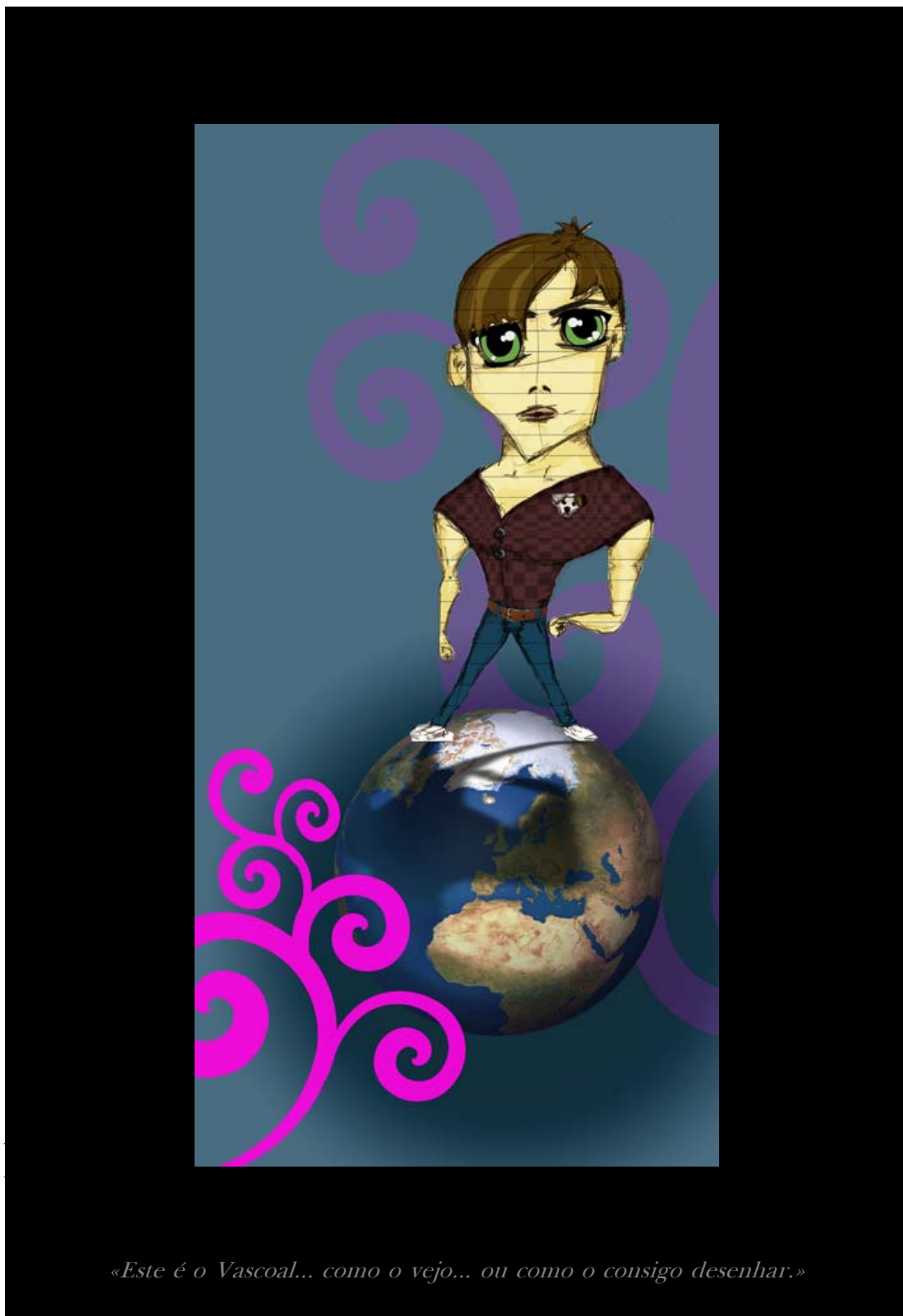
Ainda não percebi muito bem qual é o seu trabalho, embora ele já tenha tentado, por várias vezes, explicar aos amigos que, de quando em vez e de vez em quando, aparecem cá em casa.

- Tem a ver com computadores... – resume ele, no final das conversas, para rematar e mudar de assunto. Eles, parece-me, são mais de letras e números e assim. Embora os computadores possam ser muito interessantes para a maior parte das pessoas, a

informática só interessa enquanto ferramenta digital para os seus trabalhos ou tempos lúdicos.

Do trabalho que ele, realmente faz, e traz para casa, reconheço apenas os humores que percepciono pelas suas expressões faciais e pelo tom das suas palavras.

Se brinca muito comigo, é porque o dia correu bem e ele corre comigo. Se não brinca e ralha por tudo e por nada, é porque devia ter feito com que lhe corresse melhor. Nem sempre consigo atenuar o seu semblante mais arreliado.



«Este é o Vascoal... como o vejo... ou como o consigo desenhar.»

AINDA NÃO ACABOU!

Quer ler este conto na íntegra?

Envie um e-mail para info@jorgeaugusto.eu e receba a palavra-chave que lhe dá acesso à versão integral.